



**MINISTRO DO PLANEAMENTO E INVESTIMENTO ESTRATÉGICO E NEGOCIADOR
PRINCIPAL DO CONSELHO PARA A DELIMITAÇÃO DEFINITIVA DAS FRONTEIRAS
MARÍTIMAS**

**Discurso de Sua Excelência o Ministro do Planeamento e Investimento Estratégico e
Negociador Principal do Conselho para a Delimitação Definitiva das Fronteiras Marítimas,
Kay Rala Xanana Gusmão, por ocasião da Conferência da ASEAN da Sociedade
Civil / Fórum dos Povos da ASEAN**

**Díli, Timor-Leste
5 de agosto de 2016**

Senhoras e senhores,
Irmãos e irmãs,
Amigos de toda a nossa região,

É um grande prazer poder hoje dirigir-me a vós nesta Conferência da ASEAN da Sociedade Civil / Fórum dos Povos da ASEAN.

Estamos-vos muito gratos por vos terdes deslocado desde os quatro cantos da nossa região para estardes aqui hoje em Díli. Em Timor-Leste reconhecemos o papel essencial que desempenhais na construção de uma sociedade melhor. Conhecemos também, por experiência própria, o poder que tem a sociedade civil quando trabalha de forma solidária em toda a nossa região.

Durante o nosso período de provação, quando estávamos abandonados pelo mundo e éramos um povo esquecido e confrontado por um sofrimento e opressão tremendos, tivemos a sociedade civil internacional a lutar por nós. Foi esta solidariedade que nos deu esperança, que nos disse que não estávamos sós e que as pessoas de bem não iriam desistir de lutar pelos direitos do povo timorense.

Gostaria hoje de prestar homenagem às redes de solidariedade da nossa região que lutaram ao nosso lado e por nós.

Vejo hoje aqui nesta sala pessoas, amigos de uma vida, que estiveram ao nosso lado. Ainda que fosseis de outros países, com as vossas próprias batalhas para travar, sacrificaste-vos pela nossa causa. A vossa generosidade de espírito, a vossa coragem em lutar pelos direitos dos timorenses, encheu-nos de humildade e de crença na bondade dos seres humanos. Estaremos sempre gratos e nunca nos esqueceremos. Obrigado.

É também por esta razão que nos sentimos tão honrados em receber-vos em Timor-Leste para esta importante conferência que servirá para reforçar a vossa capacidade para continuar a lutar pelas pessoas da nossa região.

Sabemos por experiência própria que não é possível ter uma nação saudável sem uma sociedade civil saudável e independente. A sociedade civil luta pelos fracos e indefesos e trabalha em prol de uma sociedade melhor. Responsabiliza os governos e incide um foco de luz em situações de má governação e de corrupção.

Tal como a sociedade civil monitoriza governos, também o Fórum dos Povos da ASEAN monitoriza a ASEAN. Vós juntai-vos como ativistas para colocar as pessoas no centro da ASEAN. Reunis diferentes redes de pessoas – construtores da paz, ativistas da solidariedade e dos direitos humanos, ambientalistas, defensores de comunidade indígenas, ativistas LGBT e muitos outros grupos que lutam para fazer do Sudeste Asiático um sítio melhor.

Timor-Leste louva a vossa paixão e o vosso empenho para melhorar as vidas das populações e para melhorar as nossas comunidades.

Assistimos por toda a região e no mundo inteiro ao papel essencial que a sociedade civil desempenha, sendo uma forte defensora da tolerância, da dignidade humana e da paz.

É importante referir que a sociedade civil também monitoriza e limita as ações do Estado. Mantém o Estado responsável pelas suas ações e providencia uma visão alternativa e progressista para o futuro.

Amigos,

Esta conferência trouxe-vos aqui para discutir como podeis trabalhar juntos para fazer do Sudeste Asiático um sítio melhor. Haveis aqui discutido os desafios que enfrentam a sociedade civil e a nossa região, pelo que faço votos que deixeis esta conferência com um sentimento renovado de solidariedade e com um plano de ação para o futuro.

Estou contente por ver como haveis tido a oportunidade de aprofundar os vossos laços com a sociedade civil timorense durante a vossa estadia em Timor-Leste. Sei que durante as vossas visitas à comunidade haveis tido a oportunidade de presenciar algum do trabalho muito importante que está a

ser levado a cabo pela nossa sociedade civil. Sei também que haveis sido uma inspiração para a nossa sociedade civil.

Ao reunir-vos aqui em Díli haveis igualmente tido a oportunidade de trabalhar na construção de uma Visão Comunitária da ASEAN.

A ASEAN é uma grande história de sucesso. A nossa região sofreu com a devastação da guerra e com o pior do colonialismo. Não foi há muito tempo que a nossa região era marcada pelo conflito e pela desesperança. Foi na nossa região que assistimos ao pior da humanidade. Porém, apesar de tudo isto, a ASEAN juntou a nossa região num espírito de solidariedade e tem vindo a construir uma região de paz, cooperação e desenvolvimento.

A ASEAN reuniu países com diferentes culturas, histórias e religiões, e forjou um sentimento de identidade comum. É esta mesma identidade comum que sentimos aqui hoje e que nos une num espírito de solidariedade.

O Sudeste Asiático é hoje uma região dinâmica e um colosso económico, com um enorme mercado de trabalho. A paz trouxe riqueza e prosperidade e retirou muitos dos nossos cidadãos da pobreza. Através da ASEAN promovemos o respeito mútuo dentro da nossa região e possibilitámos um diálogo aberto e honesto entre os nossos países.

A história do Sudeste Asiático pode também dar esperança a muitos dos países frágeis e subdesenvolvidos do mundo que trilham ainda o seu caminho rumo ao desenvolvimento.

Precisamos celebrar o sucesso da ASEAN e a mudança que trouxe à nossa região – mas precisamos em primeiro lugar garantir que as pessoas estão no centro desta mudança.

Amigos,

À medida que a ASEAN se desenvolve, precisamos assegurar que os governos da nossa região põem as pessoas em primeiro lugar.

Estou certo de que durante esta conferência haveis discutido muitos dos desafios que a sociedade civil enfrenta no Sudeste Asiático. Os governos da nossa região, incluindo o nosso governo em Timor-Leste, não são perfeitos.

Tanto dentro como fora da nossa região estamos a assistir a tendências preocupantes, com a quebra da confiança entre as lideranças políticas e os respetivos povos. Vemos cenários políticos que tornam mais difícil para as organizações da sociedade civil desenvolver o seu trabalho.

Embora celebremos o crescimento, vemos também sistemas políticos que apoiam privilégios e riqueza entrincheirados que não servem os interesses das populações.

Assistimos a um colapso do contrato social que nos deveria juntar a todos. E saídos deste colapso, vemos políticos mais preocupados com o futuro das suas próprias carreiras do que com o futuro dos seus países.

As agendas defendidas pelos poderosos representam um ataque à nossa capacidade para trabalhar juntos. Em vez de os poderosos trabalharem para providenciar melhores cuidados de saúde, bem-estar social e educação para o povo – tudo aquilo que nos une e que fomenta a saúde das nossas comunidades – pregam a responsabilidade individual. Dizem às pessoas que elas precisam tomar contas delas próprias – que se falharem, ou se forem fracas, a culpa é delas.

O que estão realmente a dizer é que abdicam da sua responsabilidade para com os pobres, os vulneráveis, os oprimidos e os que não tem voz.

Este não assumir de responsabilidades faz com que seja mais difícil para nós construirmos as nossas sociedades civis. Torna-se mais difícil construir um sentimento de comunidade e de solidariedade. Isto é o oposto de colocar as pessoas no centro da sociedade.

Estamos assim perante uma doença política que nos traz um sistema que não é justo e que não serve o povo.

Ao invés temos um setor financeiro moralmente falido que serve os interesses dos ricos sem se importar com o impacto sobre o povo. Temos um sistema tributário internacional que permite às corporações multinacionais evitar pagar a sua quota-parte, ao mesmo tempo que todos nós sofremos. Temos sistemas políticos que servem os interesses dos ricos e poderosos enquanto procuram dividir as pessoas através da promoção da intolerância, do racismo e da exclusão.

Amigos,

Ainda que nos deparemos com situações de incerteza e de desafio, temos a oportunidade de fazer do Sudeste Asiático um sítio melhor. Temos a oportunidade de celebrar a mudança positiva na nossa região pondo as pessoas no centro.

Sabemos que isto é possível. Se Timor-Leste conquistou a sua independência foi graças à solidariedade de pessoas como vós. Foi por as pessoas exigirem a mudança que alcançámos a nossa liberdade, mesmo quando a causa timorense parecia impossível e o mundo nos dizia que nunca poderíamos ter sucesso.

Podemos celebrar muitas grandes mudanças através da nossa região em que pusemos as pessoas em primeiro lugar. A história de Timor-Leste é apenas uma entre muitas, contudo mostra como podemos ter sucesso quando trabalhamos juntos com coragem, paixão e solidariedade.

Amigos,

Já nos ajudastes a alcançar a nossa liberdade e nunca o esqueceremos – porém quero pedir-vos uma última coisa. Os timorenses têm uma batalha final a travar na luta pela nossa soberania.

Timor-Leste não possui fronteiras marítimas com os seus dois vizinhos marítimos, a Indonésia e a Austrália.

A determinação das nossas fronteiras marítimas é para nós uma questão de soberania – o passo final na nossa luta pela independência. A determinação das nossas fronteiras marítimas dar-nos-á direitos soberanos sobre os

nossos mares e sobre as nossas terras, ajudando a garantir o futuro dos nossos cidadãos e da nossa nação.

Lutámos durante 24 anos pela soberania sobre a nossa terra e continuaremos agora a lutar pela soberania sobre os nossos mares. Timor-Leste está empenhado em defender o direito internacional. Todos os Estados, quer sejam grandes ou pequenos, são iguais perante o direito internacional. Timor-Leste não espera tratamento especial nas negociações com os seus vizinhos de maior dimensão – espera apenas tratamento igual.

A nossa amiga Indonésia aceitou iniciar discussões com vista a delimitar as suas fronteiras marítimas connosco. Todavia a Austrália recusa-se a negociar connosco.

Apenas poucos meses antes da nossa independência a Austrália retirou-se dos procedimentos de resolução internacionais ao abrigo da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. Desde então a Austrália tem recusado os nossos convites para negociar.

O governo australiano tem seguido por esta via por saber que está a agir contrariamente ao direito internacional. Sabe que os acordos de partilha de recursos no Mar de Timor privam Timor-Leste dos seus direitos soberanos.

Somos um país pobre, um País Menos Desenvolvido. Não obstante isto, a Austrália espiou escritórios governamentais para obter uma vantagem comercial nas negociações sobre recursos no Mar de Timor.

A Austrália aproveitou-se da nossa vulnerabilidade e inexperiência para garantir acesso a recursos que, segundo o direito internacional, pertencem a Timor-Leste.

Todas as nações têm o direito a delimitar as suas fronteiras marítimas. A Austrália definiu as suas fronteiras marítimas com cada um dos seus seis vizinhos marítimos. Porém recusa-se a fazer o mesmo connosco – ainda que a fronteira com Timor-Leste represente apenas 1,8% da enorme fronteira marítima da Austrália.

O comportamento da Austrália está a minar o sistema internacional – um sistema que foi desenhado para proteger nações como a vossa e como a minha.

Perante isto, em abril deste ano Timor-Leste iniciou um processo de conciliação obrigatória ao abrigo da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. Este processo providenciará um painel de peritos independentes que procurarão ajudar os nossos dois países a chegar a uma solução amigável.

Caso não seja possível chegar-se a um acordo a Comissão enviará um relatório com recomendações ao Secretário-Geral das Nações Unidas, o qual emitirá então uma resolução. Embora o resultado do processo não seja vinculativo, obriga a Austrália a sentar-se e a negociar – de boa-fé – fronteiras marítimas connosco.

Acreditamos que este processo servirá igualmente para dar esperança a outros países pobres que estão a ser explorados por nações ricas e poderosas.

Amigos,

Tal como na nossa luta pela independência, não podemos vencer sozinhos. Precisamos da vossa ajuda e coragem para uma vez mais moldar o futuro do nosso país. Peço-vos que nos ajudeis na nossa luta pela independência plena e pelos nossos direitos soberanos no Mar de Timor segundo o direito internacional.

Peço-vos uma última vez que sejais solidários connosco nesta luta por um futuro positivo para o nosso povo.

Muito obrigado.